

Índia: os difíceis desafios do novo presidente

por Romeo Orlandi*



Pranab Mukherjee é oficialmente o 13^o presidente da Índia independente. Sucede a Pratibha Patil, a primeira mulher a ter o cargo mais alto no estado. Foi eleito, por via indireta, cerca de 5.000 grandes eleitores, com 69,3% dos votos. O procedimento é complexo e inclui os votos dos representantes da Lok Sabha (Câmara Baixa) e Raiva Sabha (Câmara Alta). A estes se juntam os membros dos estados individuais da União. A carga é prevalentemente honorária e cerimonial.

No entanto, formalmente, o Presidente da República, é o chefe das forças armadas, o garante da Constituição e o árbitro de impasses parlamentares que não são incomuns na história da Índia. Este é também um possível resultado das eleições políticas previstas para 2014. O novo presidente coroa uma carreira na política que se desenrola ao longo de um período de mais de 40 anos. É o primeiro chefe de Estado nascido em Bengala, o populoso estado no nordeste, onde começou a sua carreira política nas fileiras do Partido do Congresso em 1969. O seu pai provinha da mesma organização e passou 10 anos em prisões britânicas durante a luta anticolonial. Na sua carreira Mukherjee ocupou numerosas posições de prestígio. Também foi Ministro dos Negócios Estrangeiros, da Defesa e speaker da Lok Sabha. O seu último cargo - depois de ter representado a Índia no World Bank - foi o de Ministro das Finanças no atual governo liderado por Manmohan Singh. É, portanto, um veterano da política, que conhece os difíceis meandros das alianças e das conveniências da vida parlamentar indiana.

Ele é apreciado pelas suas qualidades de equilíbrio, de negociação e de prudência. Sara um homem das instituições e não do partido, ainda que toda a sua carreira política seja marcada pela filiação ao Partido do Congresso. Isso não o impediu, no entanto, de esculpir uma imagem independente de autonomia e prestígio, também pela sua devoção inicial a Indira Gandhi. Nas eleições presidenciais tinha sido candidato ao governo e em seguida a sua eleição é saudada como uma vitória da UPA (United Progressive Alliance), a maioria focada no Partido do Congresso. Depois de alguns desastres eleitorais, a coligação compactou, reencontrando os votos do Partido Comunista e de alguns partidos locais importantes, tais como aqueles no poder em Bengala e em Uttar Pradesh. Conseguiu também enfraquecer a oposição BJP (Bharatiya Janata Party), cujo candidato recolheu menos votos do que possuía sobre o papel. É um grande alívio para o executivo e para o partido de Gandhi, apesar dos próximos desafios, tanto políticos como económicos, se anunciarem ainda mais difíceis.

*Presidente do Comité Científico de Osservatorio Asia